

PROJETO ACALANTO: A ADEQUAÇÃO DE ESPAÇOS PARA INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

ISADORA DORNELES MACIEL¹; ANDRE DE OLIVEIRA TORRES CARRASCO²

¹Universidade Federal de Pelotas – isadora.maciel@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas - andre.carrasco@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A atividade “Projeto Acalanto: a adequação de espaços para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista” é uma atividade de pesquisa e extensão de caráter individual. É realizada com responsabilidade e autonomia da acadêmica autora do projeto, com a orientação do professor tutor e desenvolvida juntamente com o Programa de Educação Tutorial (PET) Arquitetura.

Considera-se como ponto de partida, que o autismo é um transtorno de neurodesenvolvimento caracterizado pelo desenvolvimento atípico de manifestações comportamentais, déficit na comunicação e na interação social, podendo estar associados comportamentos repetitivos e estereotipados, assim como alterações sensoriais significativas, podendo causar confusão na recepção de informações e dos sentidos táteis, visuais, sonoros e olfativos, que inibem ainda mais a interação social e a permanência deles em locais públicos, onde há sobrecarga de estímulos. (ZILBOVICIUS, MÔNICA; MERESSE, ISABELLE; BODDAERT, NATHALIE. 2006)

Além disso, sabe-se que cada indivíduo com o TEA - Transtorno do Espectro Autista, tem suas particularidades quanto a adaptação com o ambiente, o que torna essa questão muito mais complexa. Ainda, muitos pais e/ou cuidadores não sabem como adequar suas casas e demais ambientes de vivência do autista, já que em geral os espaços não são planejados e adequados para esse perfil sensorial, podendo ser a causa desconfortos e a potencialização dos comportamentos disruptivos inerentes ao autismo, como confusão mental, comportamentos auto lesivos, esquiva, transtorno do sono, intensidade nas estereotomias e dificuldades interpessoais. O mesmo pode ocorrer em ambientes acadêmicos, em salas de aula e demais espaços não adaptados às pessoas com TEA. (DA SILVA TALARICO, MARIANA VALENTE TEIXEIRA; DOS SANTOS PEREIRA, AMANDA CRISTINA; DE NORONHA GOYOS, ANTONIO CELSO. 2019).

Apesar de ser uma temática que vem sendo cada vez mais discutida no meio acadêmico e existirem diversas pesquisas voltadas para a origem do transtorno e como deve ser o ensino das pessoas diagnosticadas, bem como o tratamento, é possível afirmar que não existem suficientes estudos dedicados à análise de como as escolhas arquitetônicas de um ambiente podem agir na vida de crianças e adultos em ambientes privados, em suas próprias residências, em ambientes públicos, na escola ou no trabalho (AMA, 2017). Dessa forma, urgem medidas e pesquisas que visem qualificar ambientes públicos e privados para que se tornem estética e sensorialmente acessíveis, a fim de cooperar e oportunizar bem-estar ao indivíduo com autismo.

Para tal, a pesquisa tem como objetivo geral inserir a temática dentro do contexto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas. Ademais, identificar se há espaços planejados especificamente para autistas no Brasil; Conscientizar sobre a urgência e importância da temática de

acessibilidade perceptual e incentivar os profissionais na área de projeto a pensar em ambientes confortáveis para indivíduos com TEA - Transtorno do Espectro Autista, são os objetivos específicos.

2. METODOLOGIA

A atividade teve como ponto de partida uma pesquisa bibliográfica aprofundada sobre a temática, caracterização do assunto e possíveis esclarecimentos aos problemas de pesquisa. Outrossim, a fim de inserir o tema na realidade da Universidade, contatou-se com o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFPEL, a fim de esclarecer como a temática é abordada dentro da Universidade. Ainda, afunilando para o contexto do curso de Arquitetura e Urbanismo, foram analisadas as implicações do espaço no comportamento interpessoal e no ensino e aprendizagem dos indivíduos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ser humano comunica-se com seu entorno por meio dos cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato. O desenvolvimento dessas formas de percepção do meio ambiente garantiu a sobrevivência e a evolução dessa espécie no planeta. Nove entre dez indivíduos diagnosticados com autismo apresentam um ou mais transtornos sensoriais que interferem na sua capacidade de absorver as sensações positivas dos ambientes. (GRANDIN, TEMPLE. 2014)

Uma característica geral que pode ser observada em crianças com TEA é a capacidade de ficarem ativos e atentos grande parte do tempo. Os cinco sentidos ficam ativos, captando os estímulos que o ambiente e os seus usuários e instrumentos produzem. No entanto, essas percepções muitas vezes não são o suficiente para identificar o que é prioridade para o momento, sentindo-se de maneira conjunta, o que provoca os impulsos e comportamentos disruptivos inerentes ao transtorno comportamental.

Sabe-se da particularidade de cada paciente, no entanto, há soluções arquitetônicas que acessibilizam perceptualmente o ambiente para os usuários no geral. Tratamentos acústicos nos ambientes públicos, como salas escolares ou círculo acadêmico, por exemplo, que isolem o excesso de ruído externo. Ainda, brises e elementos que protegem o interior de um ambiente da incidência da luz solar, escolha por cores mais suaves e diminuição na informação do ambiente decorado, bem como ventilação e temperatura controladas auxiliam o indivíduo a manter o foco no seu alvo de interesse do momento, não sendo desconcentrado por incômodos externos. Nas etapas de projeto de ambientes, projeta-se pensando em forma, função, paleta de cores e texturas, temperatura, sons, iluminação. O conjunto desses pontos de partida para as escolhas do profissional na área de projeto, resulta, ou não, em um espaço funcional, significativo e dimensionado adequadamente de forma que atenda a todos. (OKAMOTO, 2002)

4. CONCLUSÕES

Pensa-se e projeta-se muito pensando em acessibilidade arquitetônica nos tempos atuais, no entanto, essa questão vai muito além de acessibilidade para pessoas com dificuldades motoras, uma vez que pessoas com o espectro autista possuem dificuldades perceptuais. Essa temática, apesar de ser cada vez mais estudada por profissionais na área de pedagogia e psicologia, ainda não é devidamente inserida no contexto de criação de ambientes pelos profissionais projetistas, como arquitetos e urbanistas. Dessa forma, a proposta dessa etapa da pesquisa, que é compreender como as decisões arquitetônicas contribuem para o desenvolvimento dos indivíduos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista, pode ser inicialmente alcançada introduzindo o assunto para os estudantes de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas, pelo debate das soluções iniciais e gerais que podem auxiliar na captação dos agentes do ambiente. Para tanto é fundamental compreender o debate sobre o criar para todos. Não somente idealizar e criar uma solução para as pessoas com dificuldades perceptuais, o ambiente deve se estabelecer em um ponto que seja adequado para a sociedade no geral, que inclui propósitos e funcionalidades e representam as mais diversas formas de compreender o espaço a partir da capacidade inerente ao ser humano de perceber o ambiente pelos sentidos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALOCHIO, G; QUEIROZ, V. Arquitetura e autismo: orientações para espaços terapêuticos. **Anais do VIII Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído e do IX Seminário Brasileiro de Acessibilidade Integral**. São Paulo: Blucher, p. 925-937, 2020.

ZILBOVICIUS, M; MERESSE, I; BODDAERT, N. Autismo: neuroimagem. **Brazilian Journal of Psychiatry**. v. 28, p. s21-s28, 2006.

DA SILVA TALARICO, M; DOS SANTOS PEREIRA, A; DE NORONHA GOYOS, A. A inclusão no mercado de trabalho de adultos com Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão bibliográfica. **Revista Educação Especial**. v. 32, p. 1-19, 2019.

AMA. **Associação de Amigos do Autista**. Disponível em: <<https://www.ama.org.br/site/>>. Acesso em: 1 ago. 2022.

GRANDIN, T. **O cérebro autista: pensando através do espectro**. Tradução: Maria Cristina Torquillo Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2015.

OKAMOTO, Jun. **Percepção Ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2002.